

GORSKI, Eugene F. **Theology of religions**. A sourcebook for inter-religious study. New York/Mahwah: NJ/Paulist Press, 2008. 324 p.

João Batista Libanio*

O livro quer ser uma fonte de dados para o estudo inter-religioso. O autor, sacerdote religioso da Congregação da Santa Cruz, é professor de teologia na Universidade de Notre Dame, EUA. Nesse livro, responde às perguntas: o que os católicos e seguidores de Jesus deveriam pensar sobre as grandes religiões do mundo? Deus atua nessas religiões? Numa palavra: as religiões não cristãs são verdadeiras religiões e conduzem seus seguidores à salvação? Que significa para os cristãos viverem com pessoas de outras religiões? E finalmente, qual a relação entre o Cristianismo e essas religiões?

Tema fortemente discutido no meio católico antes e depois da intervenção da Congregação para a Doutrina da fé com o documento *Dominus Jesus*. O autor lança um olhar sobre as fontes da revelação e da fé cristã – escritura, tradição e ensinamento da Igreja – para captar o que aí se ensina sobre o significado e o valor das religiões mundiais não cristãs à luz da atual controvérsia e debate teológico sobre o pluralismo e diálogo inter-religioso. Desenvolve um estudo histórico e fenomenológico das principais religiões mundiais como base para abordagem estritamente teológica sob diferentes aspectos:

1. localiza as origens das religiões num amplo horizonte da história mundial e procura descobrir se elas tiveram desenvolvimento histórico significativo;
2. descreve o que aparece como características essenciais dessas religiões e as experiências fundamentais de seus fundadores;
3. inquire se as religiões mundiais partilham de certos atributos e de uma estrutura espiritual comum;

* Doutor em Teologia (Gregoria-Roma), professor da Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

4. especifica o que aparece ser a relação do Cristianismo com as outras religiões;
5. levanta questões que pertencem à verdade última das religiões mundiais, a qual vai além da história e fenomenologia, para encontrar somente resposta no interior das fontes transcendentais da fé cristã.

O pressuposto metodológico fundamental do autor distingue-se daqueles que julgam somente a salvação dos não cristãos ter relevância teológica para os cristãos na questão da multiplicidade das religiões mundiais. Em última análise, não é relevante a distinção das religiões entre si. Pelo contrário, o autor afirma a convicção de que uma investigação histórica e fenomenológica necessita preceder qualquer juízo teológico sobre elas. Para isso, ele segue o percurso indicado acima nos cinco pontos. Só assim se consegue desentranhar o significado último das religiões não cristãs.

No estudo das religiões, o autor recorre ao bem conhecido conceito de K. Jaspers de “tempo axial”. Tempo que girou em torno de 500 a.C., num processo espiritual que ocorreu entre os anos 800 e 200 a.C. Surgiram então grandes movimentos religiosos em lugares distantes sem mútuo contato. Num primeiro capítulo, trata das religiões anteriores ao tempo axial, praticadas por comunidades que iniciam a história na era arcaica ou tradicional no período dos 2000 a.C. Estuda a Suméria, o Egito, Creta, o Vale do rio Indo, a China, Olmec da América Central, Chaves (Peru). Esses sete povos caracterizam o início das civilizações pré-axiais. E em seguida, assinalam-se algumas características comuns, tais como: o sentido do sagrado num único mundo, a experiência dos deuses revelando-se nas realidades naturais e humanas, a expressão das crenças em forma de mitos e ritos sacrificiais, o código de ética das obrigações em relação aos deuses e aos humanos, a consciência de sofrimento, a insegurança e mortalidade, as religiões étnicas e não universais e a não sobrevivência de nenhuma delas com o advento do tempo eixo.

A parte mais longa do livro é o desenvolvimento e a definição das características das religiões pós-axiais. Foram tratadas: Zoroastrismo, Hinduísmo, Budismo e Jainismo, Confucionismo, Daoismo, Shintoísmo e Budismo Mahayana, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. O autor faz relativo minucioso estudo de cada religião de maneira clara e didática, dispondo em negrito os pontos importantes, de modo que facilita a percepção da estrutura religiosa, com sumários e conclusões parciais.

As religiões se caracterizam por uma estrutura soteriológica e consequentemente incorporam um otimismo cósmico, uma afirmação da bondade

última da existência humana e do universo. No entanto, as religiões pós-axiais não afirmam a gratuidade da vida da humanidade na presente situação atual, mas na dimensão escatológica do otimismo cósmico: a crença no destino último da humanidade. Afirma-se no presente que uma existência humana melhor sem limite se realizará na ultimidade, dando à existência um movimento em direção a um fim de bem ilimitado.

O autor conclui a segunda parte com a nova visão das necessidades humanas e da função da religião nesse momento pós-axial. Estabelece paralelos entre as religiões mundiais, ao perceber uma unidade expressiva entre elas no momento axial. O Sagrado, o Transcendente, Deus parece ter-se tornado ativo na história humana, a saber, nos fundadores, nos seguidores e em formas concretas pelas quais se faz conhecer. No histórico desenvolvimento do tempo pré-axial para o pós-axial, constata-se que as religiões foram impactadas pelo Absoluto e responderam de formas semelhantes. Constituíram uma estrutura espiritual comum. Tal conclusão leva a pôr diferentes perguntas para o estudo ulterior.

1. Como tornar compreensível a quase simultânea aparição de extraordinários e talentos sábios, no tempo axial, em áreas geograficamente isoladas entre si?
2. Como é que, durante o milênio antes de Cristo, regiões separadas do mundo produziram criações religiosas admiráveis sobre as quais a história do espírito humano desde então se apoiou, conduzindo os humanos a transcenderem o mundo material e a terem acesso a uma vida melhor em união com o Sagrado ou Transcendente?
3. Tal fato foi simplesmente aleatório ou evidencia a intencionalidade de uma força espiritual, de um plano de providência divina?
4. O Sagrado, o Transcendente apareceu somente para tornar-se atuante nos membros das religiões pós-axiais ou aconteceu isso realmente? O único Deus foi ativo não somente no Cristianismo, mas também nas outras religiões mundiais?

A última parte trata de buscar respostas, ao explicitar o *status* teológico das religiões não cristãs. Isso o faz ao refletir sobre as fontes da fé cristã – Escritura e, para os católicos, o magistério – e ao identificar os elementos que as unem e as diferenciam em relação ao Cristianismo. Para tanto, ele trabalha quatro pontos: a existência humana comum a todas religiões, a questão da verdadeira religião, a originalidade única do Cristianismo e o diálogo inter-religioso.

Em relação à existência humana de que todos participam, salienta os traços que estão na base imediata e diretamente relacionados com a existência religiosa, tais como: relação consigo, com os outros e com a história; angústia, pecado e culpa; relação com Deus; autocomunicação de Deus em Cristo; o desejo natural por Deus e o existencial sobrenatural; a universalidade da autocomunicação de Deus em Cristo; o pecado primordial; a vontade salvífica universal de Deus. O autor reflete a posição rahneriana da marca crística de todo homem religioso, ao participar de uma estrutura comum da existência humana cristocêntrica e por habitar um universo cristocêntrico.

O capítulo sobre a verdadeira religião começa recapitulando os dados obtidos pelo estudo histórico e fenomenológico das religiões mundiais: a presença ativa do Transcendente em todas elas; a qualidade cristocêntrica da essência da comum existência humana; o desejo natural por Deus e o existencial sobrenatural presente e atuante no profundo delas e nas formas concretas de sua institucionalização, ao serem envolvidas pela vontade salvífica universal de Deus. O autor procede a uma revisão histórica do pensamento católico sobre o significado e valor das outras religiões. Detém na posição do Concílio Vaticano II, do teólogo K. Rahner, do documento *Dominus Jesus*, dos ensinamentos de João Paulo II e de outras expressões da doutrina oficial da Igreja Católica. O seu ensinamento oficial reconhece verdade, bondade e a presença salvífica do Espírito nas outras religiões. Nelas seus membros encontram a verdade de Deus e recebem a graça de Cristo pela mediação do seu mistério salvador presente em plenitude na Igreja Católica. Uma ulterior especificação do *status* das religiões não cristãs permanece questão aberta para os teólogos. E o autor prossegue a reflexão, ao aprofundar a questão da verdade das religiões não cristãs, a ação de Cristo nelas, a relação entre revelação e fé. Assume a posição de que existe salvação na fé, esperança e caridade do não cristão. E, portanto, as religiões não cristãs desempenham papel positivo na ação salvífica de seus membros. O poder de Cristo age nelas de maneira escondida. Conclui retomando a pergunta: o que causou o fenômeno do tempo axial, mencionado no início do livro? Não se explica por mera coincidência, nem pela simples ação de sábios daquele momento histórico, mas pelo fato de ser uma resposta humana de fé à graça da Revelação divina e à ação de Cristo de maneira escondida e misteriosa na história humana.

A singularidade e originalidade do Cristianismo ocuparam um capítulo importante na ulterior reflexão teológica. As religiões não cristãs e o Cristianismo se assemelham por serem verdadeiras religiões. Mas permeiam entre

ambos diferenças significativas do ponto de vista da experiência e da interpretação do Sagrado, de credos, de dogmas, de práticas litúrgicas, de teologia e espiritualidade. O ponto crucial da diferença entre o Cristianismo e as outras religiões funda-se na pessoa de Jesus Cristo, crido como único e incomparável redentor e mediador entre Deus e a humanidade. Ele é o salvador universal destinado a todos e é a plenitude da revelação de Deus. Esse ensinamento baseia-se no testemunho das Escrituras e do ensinamento da Igreja. Isso não nega o que já se afirmou antes: embora as religiões não cristãs não tenham a plenitude da verdade, contudo são verdadeiras e válidas ao participar implicitamente e realizar a verdade e os valores do Cristianismo. O autor expõe o pensamento de Bento XVI sobre a teologia das religiões e as críticas que se lhe fazem.

O livro conclui com consideração sobre o mistério das religiões mundiais. Como devem os católicos considerar os fiéis não cristãos e suas religiões? Com sentido de respeito, admiração e amor. Elas pertencem à vontade misteriosa de Deus e a seu plano de salvação. O único verdadeiro Deus está presente e atuante nelas e nos seus membros. Manter em relação a elas mente aberta e dialogante. Mesmo tendo a plenitude e a perfeição da verdade de Deus, os cristãos, ao dialogar com as religiões não cristãs, não só aprendem muito sobre elas, mas delas. Eles se humanizam e abrem os horizontes, superando a reivindicação da posse exclusiva da verdade. Elas ensinam-lhes a apreciar o fato de Deus ter-se manifestado historicamente de muitos modos e aberto muitos caminhos para chegar até Ele. Pedem que os cristãos conheçam melhor a própria tradição para responder aos ensinamentos das outras religiões. Não se trata de criar uma religião “universal” onde as diferenças desapareçam, mas de levar a sério as mútuas diferenças e de praticar o diálogo e a cooperação. As religiões mundiais são uma realidade misteriosa e sagrada. O amor de Deus estende-se incondicionalmente a todos os seres humanos. Torna acessível a todos sua graça salvadora. Finalmente os cristãos deveriam aproximar-se da diversidade de religiões com sentido de admiração, gratidão e compromisso sério com a missão.

O livro não avança nenhuma posição nova. Dispõe, porém, de excelente nível de informação sobre a complexidade da questão das religiões mundiais. Assume postura de abertura, de diálogo. Matiza afirmações do magistério. Guarda profundo respeito pelas religiões mundiais e seus seguidores, ao despertar no leitor cristão tal postura fundamental.